## Eikōn e Ágalma:

## o estatuto ontológico da imagem nas Enéadas de Plotino

## Victória Milanês Alexandria

Mestranda na UFF http://lattes.cnpq.br/4851507638009008 victoriaalexandria@id.uff.br



Este trabalho tem como objetivo investigar o estatuto ontológico da imagem no pensamento de Plotino, especialmente as distinções conceituais entre os termos gregos eikōn (εἰκών) e ágalma (ἄγαλμα), ambos traduzidos por imagem. A pesquisa parte da ideia de que, embora a tradição platônica frequentemente associe a imagem à ilusão sensível e à sombra do real, há indícios de que a imagem exerce um papel revelador e místico. A ambivalência atribuída às imagens, portanto, não se limita à oposição entre sensível e inteligível, mas se manifesta também nesses dois termos.

O desenvolvimento da pesquisa parte de uma análise interna ao corpus das Enéadas, com o objetivo de identificar e comparar as passagens em que aparecem os termos eikōn e ágalma, observando seus contextos, significados e funções. Essa distinção terminológica parece indicar uma gradação ontológica, bem como uma possível função epistemológica e propedêutica das imagens: algumas conduzem à verdade, outras a obscurecem. O uso do termo ágalma para descrever as imagens do mundo inteligível como ocorre na Enéada V, 8 [31] 5. 20-25 — contrasta com o uso de eikon, associado à ilusão ou à lembrança sensível. Esse contraste, no entanto, é desafiado por uma passagem da Enéada VI, 9 [9] 11. 1-5, em que eikon é utilizado para descrever a memória da união da alma com o Uno.

Como metodologia, a pesquisa articula análise exegética e filosófica dos textos de Plotino com referências intertextuais à obra de Platão — especialmente o Timeu e o Sofista. Este trabalho também se apoia nos estudos de Eugénie de Keyser e Jean-Michel Charrue, que contribuíram para o debate sobre os conceitos de imagem, embora não tenham esgotado o tema. Jean-Michel Charrue (2005, p. 53), afirma ainda que poucos estudos se dedicaram de fato à distinção entre eikon e ágalma feita por Plotino. A análise deste trabalho é guiada pela hipótese de que a imagem não é um obstáculo, mas uma

possível via de acesso ao inteligível, abrindo espaço para uma compreensão mais rica da ontologia e da mística neoplatônica.

Ao refletir sobre o estatuto da imagem, a pesquisa aprofunda a experiência da união com o Uno e sua linguagem simbólica. Ao mesmo tempo, reexamina a suposta cisão entre sensível e inteligível na tradição platônica. Nesse sentido, talvez a imagem possa ser pensada não como véu ilusório, mas como apokálvpsis, uma revelação que atravessa o discurso e reconduz a alma à sua origem.



Palavras-chave: Ontologia da imagem. Ícone. Mística. Neoplatonismo.

## **Bibliografia**

CHARRUE, J. M. Plotin et l'image. Les Études Classiques, Paris, v. 73, p. 39-66, 2005.

DE KEYSER, Éugenie. La signification de l'art dans les Ennéades de Plotin. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1955.

HADOT, P. Le mythe de Narcisse et son interprétation par Plotin. Nouvelle Revue de Psychanalyse, Paris, n. 13, p. 81-108, 1976.

MARION, J. L. Fragments sur l'idole et l'icône. Revue de Métaphysique et de Morale, Paris, v. 84, n. 4, p. 433-445, 1979.

PLATÃO. O Sofista. Tradução de Henrique Murachco, Juvino Maia Jr. e Trindade Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

. Timeu. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.

PLOTIN. Sur la Beauté Inteligible. Ennéade V, 8 [31]. Tradução de Jérôme Laurent. Paris: Flammarion, 2006.

. Sur le Bien ou l'Un. Ennéade VI, 9 [9]. Tradução de Francesco Fronterotta. Paris: Flammarion, 2006.